

EUA abordam petroleiro iraniano, e Teerã cobra pedágio em Hormuz

Controle sobre o estreito é principal peça para negociação que Trump quer recomeçar

IRIB TV

Em mais um dia de escalada nas provocações entre Irã e Estados Unidos durante a trégua adiada indefinidamente por Donald Trump, forças americanas pararam e abordaram um navio com petróleo iraniano no oceano Índico nesta quinta-feira (23).

Segundo postagem do Departamento de Defesa, o Majestic X não foi apreendido como o cargueiro *Touska* havia sido no domingo (19), mas o destino da embarcação não está claro. Ela é um petroleiro de frota fantasma sob sanções americanas, que usualmente usa bandeira da Guiana para disfarçar sua carga.

A operação ocorreu longe da entrada para o golfo Pérsico, e envolveu helicópteros do Comando do Indo-Pacífico, que não está envolvido diretamente no conflito do Oriente Médio. Até a véspera, o Pentágono havia dito ter impedido o trânsito de 31 navios desde o início do embargo, na segunda retrasada (13).

Já o Irã voltou a asseverar o controle sobre o estreito de Hormuz nesta quinta. Segundo o número 2 do Parlamento local, Hamid Rez Haj Babaei, Teerã recebeu e depositou no seu Banco Central a primeira leva de pagamentos do pedágio que o país quer instituir de navios transitando em Hormuz.

Segundo a agência Tasnim, o valor não foi revelado. Pode ser apenas propaganda, mas evidencia a posição de força que os iranianos buscam com sua principal ficha de negociação com os Estados Unidos.

Na véspera, lanchas da Guarda Revolucionária haviam abordado



Homens da Guarda Revolucionária abordam navio que buscava cruzar o estreito de Hormuz

dois navios de carga perto da costa iraniana e os apreenderam. Segundo as operadoras das embarcações, uma de bandeira panamenha e outra libanesa, as tripulações estão a salvo.

A unidade militar divulgou um vídeo com música triunfalista, em mais uma jogada de marketing bélico. Nele, as lanchas se aproximam dos cargueiros e homens com balacavas sobem neles, armados. Não aparecem nas imagens nenhum navio de guerra de fato - os EUA disseram ter destruído mais de 160, toda a frota principal iraniana.

Tudo isso visa pressionar Trump, que recuou unilateralmente do plano de atacar o Irã

novamente por dois motivos principais: a crise global decorrente do aumento dos combustíveis, já que por Hormuz passavam 20% do petróleo e do gás natural do planeta, e a impopularidade da guerra a meses da crucial eleição de meio de mandato nos EUA.

O presidente americano disse que poderia haver uma nova rodada de negociações com os iranianos no Paquistão até esta sexta (24), mas manteve o bloqueio aos portos iranianos. A medida não é 100% eficaz, mas tem servido de justificativa para Teerã se recusar a conversar.

Enquanto isso, os iranianos buscam propagandear o controle que

exercem pela passagem, que tem meros 33 km de largura até a costa de Omã em seu ponto mais estreito. Desde o início da guerra, em 28 de fevereiro, até o cessar-fogo de 7 de abril, o trânsito diário de 140 navios caiu a 10%, a maioria iranianos.

Desde então, o tráfego caiu ainda mais. O bloqueio americano ampliou um pouco a passagem de navios indo e vindo de outros países do golfo Pérsico, mas na terça (21) apenas uma embarcação transitou.

Já o Irã criou um novo esquema para a região, que quer ver implementado de forma definitiva num acordo de paz. Segundo a proposta, os navios passam por suas águas, já

que Teerã disse ter minado o caminho usual que passa por uma faixa de 3 km de largura em cada sentido entre elas e as de Omã.

Ao fazer isso, os navios devem pagar um pedágio proporcional à sua carga, que foi ventilado em US\$ 2 milhões por dia ou, no mínimo, US\$ 1 por barril de petróleo ou equivalente a bordo. Os EUA rejeitaram liminarmente a ideia, que copia de certa forma o que o Egito faz no também vital canal de Suez, no mar Vermelho.

A diferença é que os egípcios controlam ambas as margens do canal, o que levou à especulação se Omã poderia dividir os lucros com o Irã caso o plano avançasse. Hoje, a proposta de Teerã é ilegal e viola a lei marítima internacional, mas nem iranianos, nem americanos assinaram a convenção sobre o tema.

Apesar das demonstrações de força, há sinais também de divisões nas hostes da teocracia, que teve quase toda sua cúpula morta nos ataques de EUA e Israel.

A Guarda desautorizou, por exemplo, a reabertura de Hormuz anunciada pelo chanceler e negociador Abbas Araghchi, e parece hoje ter a palavra final em todas as decisões políticas de Teerã.

O novo líder supremo, Mojtaba Khamenei, segue longe dos olhos do público, levantando suspeitas sobre sua condição - oficialmente, ele sobreviveu ao ataque que matou o pai e antecessor, Ali, no primeiro dia do conflito.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Peru adia compra de caças dos EUA, e ministros renunciam em protesto

O ministro da Defesa do Peru, Carlos Diaz, e o ministro das Relações Exteriores, Hugo de Zela, renunciaram a seus cargos na quarta (22), em meio à decisão do presidente interino José María Balcázar de adiar a compra de aeronaves F-16 dos Estados Unidos.

Balcázar, que está na função de forma interina e deixa o posto em julho, disse que a compra foi adiada até o próximo governo assumir o poder. "O país vive atualmente expectativa de contagem dos votos do primeiro turno da eleição nacional para saber quem irá ao segundo turno, previsto para junho.

Depois, o presidente interino afirmou que suas declarações foram mal interpretadas, e que ele adiou o pagamento para a compra dos caças.

Em entrevista à estação de rádio

local RPP após sua renúncia, Zela disse que o acordo incluía uma primeira parcela avaliada em US\$ 2 bilhões, seguida por uma segunda fase no valor de US\$ 1,5 bilhão. Ele acrescentou que um primeiro pagamento estava programado para quarta-feira, embora não tenha divulgado o valor.

"Renuncio por duas razões principais. A primeira é porque a decisão política que adotou o senhor Balcázar põe em perigo nosso país, tira nossa credibilidade e faz com que nos convertamos em um país em que não se pode confiar num processo de negociação", disse Zela.

"A segunda razão é que o senhor Balcázar mentiu ao país. Na segunda-feira (20) se firmaram dois contratos, e o ministro da Defesa, segundo me contou, comunicou

pessoalmente ao presidente Balcázar que os dois contratos estavam assinados. No entanto, o senhor Balcázar saiu dizendo que os dois contratos não foram firmados", afirmou o agora ex-chanceler, adicionando confusão sobre o assunto.

Balcázar nega ter mentido sobre os contratos, e afirmou após as declarações dos ministros que "o que se está discutindo é a necessidade de o novo governo conhecer as negociações desta compra, não há outra intencionalidade".

Já Diaz, no cargo apenas desde 17 de março, tinha previsão de comparecer perante a Comissão de Defesa do Congresso na segunda-feira para responder a perguntas sobre a suspensão da assinatura de um acordo. "Uma decisão estratégica foi tomada na área de segurança nacional

com a qual tenho uma discordância fundamental", disse Diaz em sua carta de renúncia.

O Peru passou anos negociando com diferentes empresas para modernizar sua envelhecida frota de caças franceses Mirage 2000 e russos MiG-29, adquiridos nas décadas de 1980 e 1990. O Peru pretende eventualmente adquirir um total de 24 jatos, mas um primeiro acordo seria para 12 aeronaves.

Entre os concorrentes está a empresa americana Lockheed Martin. O Departamento de Estado americano aprovou a potencial venda de aeronaves F-16 e suporte relacionado ao Peru em setembro, com a Lockheed como principal contratante, ao lado da General Electric Aerospace e da RTX Corp, em um acordo avaliado em cerca de US\$ 3,42 bilhões, disse o Pentágono na época. As companhias americanas competiram com empresas da Suécia e da França.

Balcázar cancelou uma cerimô-

nia de assinatura na sexta-feira passada para a aquisição dos jatos F-16 da Lockheed Martin poucas horas antes de ela ocorrer, citando preocupações em vincular o próximo governo a um grande compromisso de defesa, disse um funcionário do governo à Reuters.

Em aparente resposta à decisão, o embaixador dos EUA no Peru, Bernie Navarro, disse em poucas horas que Washington usaria "todas as ferramentas disponíveis" contra partes que negociam "de má-fé" com os Estados Unidos, em uma publicação no X.

A embaixada dos EUA em Lima não respondeu a um pedido de comentário da Reuters. Zela afirmou que conversou com o embaixador americano e disse que o representante de Washington está "muito confuso, não entende o que aconteceu, porque ele sabe que os contratos foram assinados. Mas é muito difícil de explicar a ele que se diga que não foram assinados".